

## GEOGRAFIA, MÚSICA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MOVIMENTO MUSICAL MANGUEBEAT EM RECIFE – PE (BRASIL)<sup>1</sup>

Camilla Aryana da Silva Monte<sup>2</sup>

Cláudia Valéria Rosa da Silva<sup>3</sup>

Wedmo Teixeira Rosa<sup>4</sup>

O principal objetivo deste trabalho é analisar o movimento musical Manguebeat como fruto da realidade socioespacial do Recife na década de 1990 e sua contribuição para construção/afirmação de uma identidade territorial relacionada as paisagens e ao cotidiano das periferias da cidade. O Mangue Beat, um movimento musical contrário aquilo que era imposto e consumido no início da década de 1990, surge como um novo estilo musical a partir da mistura de diversos ritmos regionais (maracatu, coco, ciranda) e globais (*hip hop, rock*), retratando sujeitos e paisagens marginalizadas das periferias do Recife. Nesta pesquisa, a discussão teórico-metodológica está baseada numa abordagem cultural da geografia. Assim, as interfaces entre Geografia e Música foi discutida a partir de um enfoque socioespacial, considerando a letra, a produção da música e seu contexto sociocultural e territorial para analisar a relação de indivíduos e/ou grupos sociais com os espaços de referência identitária e, dessa forma, compreender como o movimento musical Manguebeat contribuiu para a construção/afirmação de uma identidade territorial local e regional em Recife. As expressões artísticas e culturais, como a música, tem dimensões espaciais e influenciam na construção/afirmação de uma identidade territorial coletiva, pois essas expressões, muitas vezes, traduzem o universo simbólico de determinados grupos sociais que compartilham referências espaciais e realidades socioculturais que os representam e os fortalecem enquanto grupo. Nesse sentido, esta investigação evidenciou que o movimento musical do Manguebeat expressam nas letras de suas canções as marcas das paisagens comuns na periferia do Recife e que as leituras dessas paisagens, através da música, serviram para transmitirem os seus significados e as relações cotidianas de indivíduos e grupos sociais com elas, cooperando para o desenvolvimento desse movimento, representando assim, anseios e interpretações de um povo em um determinado momento histórico, contribuindo, dessa forma, para a construção/afirmação de uma identidade territorial local/regional. Neste trabalho, constatou-se que o Manguebeat, ao ressaltar em suas canções a realidade de diversos sujeitos e paisagens do Recife, contribuiu/contribui para construção/afirmação de uma identidade territorial que se estende, não apenas a quem participa diretamente desse movimento, mas também, a diversos outras pessoas que se sentem representados nas letras, ritmos e danças desse movimento musical.

Palavras-chave: Identidade Territorial. Geografia e Música. Mangue Beat. Recife – PE.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE). (Estudantes custeados com bolsas institucionais – PIBIC/IFPE).

<sup>2</sup> Estudante do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus* Recife, Brasil. PIBIC/IFPE. camillamonte15@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus* Recife, Brasil. PIBIC/IFPE. claudiavaleria22@hotmail.com

<sup>4</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco e docente-pesquisador no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE – *Campus* Recife), Brasil. wedmo.tr@bol.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Espacialidades Culturais: manifestações populares, território e identidade”, que se propõe a refletir sobre as relações sociais no espaço urbano contemporâneo a partir de manifestações culturais que contribuem com o fortalecimento da identidade local/regional, espalhados por diversos “cantos” das cidades de Recife e Olinda, expressos na espacialidade das práticas culturais tradicionais, músicas populares, literatura, festas religiosas, entre outras manifestações da cultura popular.

A primeira fase da pesquisa identificou e caracterizou as principais manifestações culturais das cidades de Recife e Olinda, destacando os grupos de maracatu, frevo, coco, caboclinho, afoxé, entre outros, como as principais expressões da cultura popular que representam a identidade territorial dessas cidades (BORGES, 2013; REIS, 2013). A segunda etapa da pesquisa analisou, numa perspectiva geográfico-cultural, as manifestações da cultura popular identificadas no primeiro momento de investigação científica, aprofundando as discussões em relação a importância histórica e cultural dessas manifestações para o fortalecimento de uma identidade territorial em Recife e Olinda (PEREIRA, 2015; SILVA, 2015; VALLE, 2015).

O projeto de pesquisa supracitado está na terceira fase, na qual se realiza estudos que abordam a relação entre Geografia, Música e Literatura, discutindo essa relação a partir da temática espacial contida nessas expressões artísticas e culturais (música e literatura), além de ressaltar sua importância para o fortalecimento e/ou construção da identidade territorial local/regional.

Neste artigo especificamente, os esforços de investigação foram direcionados para discutir a relação entre Geografia e Música, trazendo reflexões sobre o movimento musical Manguebeat no contexto da cidade do Recife. Esse movimento surgiu na década de 1990, onde os jovens da época buscavam mudanças na capital pernambucana, especialmente aquelas ligadas aos aspectos sociais da cidade, evidenciando os problemas encontrados pelos moradores presentes nas áreas de mangue da cidade e que buscavam seu sustento a partir desses locais.

O movimento musical Manguebeat, um movimento contrário aquilo que era imposto e consumido dentro do cenário musical no início da década de 1990, surge como um novo estilo a partir da mistura de diversos ritmos musicais como o maracatu, *hip hop*, *rock*, retratando sujeitos e paisagens marginalizadas das periferias do Recife, como discute Tesser (2007, p.73):

Chico Science & Nação Zumbi juntamente com os outros grupos que fazem o Mangue Beat, representam um fenômeno novo dentro da produção musical brasileira, pois contrariamente à indústria cultural e à cultura de massa vigente, ao invés de destruírem as culturas periféricas e populares, vão criar um espaço de inclusão, inesperado, das expressões marginais. Até então, eles teriam sido somente o objeto do pensamento crítico que encontramos nas letras de algumas músicas brasileiras, sobretudo aquelas ligadas à MPB. Hoje, eles representam o « objeto » que começa a se manifestar, se tornando o sujeito. Passando de objeto de crítica a sujeito da criação de uma nova linguagem, os garotos pobres das metrópoles brasileiras começam a produzir um

espaço diferenciado para a expressão das suas experiências de vida. É a inserção dos jovens marginalizados da sociedade.

Nesse contexto, o objetivo principal desta investigação é analisar o movimento musical Manguebeat como fruto da realidade socioespacial do Recife na década de 1990 e a construção/afirmação de uma identidade territorial relacionada as paisagens e ao cotidiano das periferias da cidade. Destacam-se como objetivos específicos: analisar a origem e difusão do movimento musical Manguebeat, destacando os contextos socioespaciais que esse movimento está inserido; analisar a relação de identidade dos principais compositores associados ao Manguebeat com seus espaços de vivências a partir das letras de suas músicas; discutir a importância do movimento musical Manguebeat na construção/afirmação de uma identidade territorial local/regional a partir das paisagens e cotidiano da periferia do Recife.

Para alcançar os objetivos propostos, o caminho teórico-metodológico foi traçado com base numa abordagem cultural da geografia, que enfatiza a importância dos significados, valores e representações para compreender a relação do ser humano com esse espaço, preocupando-se com a espacialização dos fenômenos sociais e colocando o homem no centro da análise geográfica. Assim, as interfaces entre Geografia e Música foram discutidas a partir de um enfoque socioespacial, considerando a letra, a produção da música e seu contexto sociocultural e territorial para analisar a relação de indivíduos e/ou grupos sociais com os espaços de referência identitária e, dessa forma, compreender como o movimento musical Manguebeat contribuiu para a construção/afirmação de uma identidade territorial local e regional em Recife.

## **2 GEOGRAFIA, MÚSICA E O MOVIMENTO MANGUEBEAT**

Segundo Panitz (2011) “a geografia da música, apesar de quase um século de existência oficial, só recentemente têm tido a devida atenção dos geógrafos interessados no estudo da cultura e das manifestações artísticas em sua dimensão espacial”. Esse interesse aumentou junto com a ascensão da Geografia Humanista e da Nova Geografia Cultural, pois trouxeram novas abordagens e discussões teórico-metodológicas acerca de objetos de estudos da ciência geográfica. Nesse sentido, os estudos geográficos sobre a música ganharam maior força a partir do final da década de 1960, tendo os Estados Unidos como principal país precursor desses estudos, chegando ao Brasil somente na década de 1990 (CASTRO, 2009). Mesmo tendo uma história relativamente longa, as pesquisas que relacionam Geografia e Música ainda é pouco difundido no Brasil, necessitando de maiores discussões referentes ao tema.

Apesar dos poucos estudos realizados no Brasil sobre Geografia e Música, existe uma diversidade nas abordagens teórico-metodológicas sobre o tema, destacando-se aquelas de influência humanista e culturais renovada, além de trabalhos que ressaltam a música com enfoque econômico-social e/ou como ferramenta de ensino (PANITZ, 2011). Essas pesquisas apresentam, também, uma heterogeneidade nas abordagens conceituais, dando ênfase aos conceitos de lugar, região, paisagem e/ou território. Para as análises realizadas nesse trabalho, foi fundamental a compreensão dos conceitos de identidade territorial e de paisagem.

De acordo com o pensamento de Haesbaert (1999), bastante influenciado por Hall (1997), a identidade territorial é compreendida como identidade social, pois existe uma forte relação entre as expressões identidade e território.

Uma das características mais importantes da identidade territorial corresponde ao mesmo tempo a uma característica geral da identidade, é que ela recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência “condense” a memória do grupo [...] (HAESBAERT, 1999, p. 180).

Para Bossé (2004, p. 161), a identidade pode ser traduzida “tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão social” e é construída a partir de experiências cotidianas. Nesse contexto, o termo identidade remete à “fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 2000, p. 22), e essa “fonte” é a base significativa onde as identidades em seu processo de construção, ou já sendo o próprio processo, irão se fundamentar.

Em meio à complexidade do conceito de território e suas várias abordagens, é importante ressaltar que esse conceito será abordado neste trabalho numa perspectiva simbólico-cultural (HAESBAERT, 2007; BONNEMAISON, 2002), pois ela exprime a relação simbólica existente entre cultura e espaço, fundando e encarnando aí valores e significados que contribuem para a construção de uma identidade.

Outro conceito importante nesse trabalho é o de paisagem. O estudo da paisagem estava no centro da Geografia Cultural na primeira metade de século XX, quando sua análise ainda era funcional e objetiva. Hoje a paisagem não é vista apenas como uma realidade objetiva. Ela é analisada pelo papel que desempenha nos processos culturais e pelos valores que aí se leem. A paisagem constitui o quadro em relação ao qual aprendemos a nos orientar, ela fala da sociedade na qual se vive e das relações que as pessoas estabelecem com a natureza (CLAVAL, 1998). Nesse sentido, para Berque, a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. (BERQUE, 1998, p. 33-34)

Assim, a paisagem é uma das matrizes da cultura, além de representar as marcas que uma sociedade, uma civilização imprime no lugar. É matriz visto que a organização e as formas que estruturam a paisagem contribuem para transmitir usos e significações de uma geração a outra. É marca, pois cada grupo modifica o espaço que utiliza, expressando suas ações e gravando neles os sinais de sua atividade (CLAVAL, 1997). O movimento musical do Manguebeat, por exemplo, expressa nas letras de suas canções as marcas das paisagens comuns na periferia do Recife. As leituras dessas paisagens urbanas serviram para transmitirem os seus significados e as relações cotidianas de indivíduos e grupos sociais com ela, cooperando para o desenvolvimento desse movimento, representando assim, anseios e interpretações de um povo em um determinado momento histórico, contribuindo, dessa forma, para a construção/afirmação de uma identidade territorial local/regional.

Outro ponto importante a se ressaltar é que a paisagem não pode ser considerada como somente aquilo que é visto, pois a paisagem vai além disso, sendo paisagem tudo aquilo que pode ser sentido, seja pelo olfato, audição ou paladar. "Todo som (falas, ruídos, músicas, etc.) e todo cheiro (perfumes, plantas, esgoto, etc) têm uma origem que

está diretamente relacionada ao lugar" (TORRES e KOZEL, 2010, p.125). Destaca-se, nesse contexto, a importância do estudo das paisagens sonoras e como elas interferem no ser humano e no ambiente, contribuindo, inclusive, para a construção e/ou a afirmação de uma forte identidade local.

As paisagens sonoras concedem identidades aos lugares, e agem direta e constantemente em seus moradores na contribuição à perpetuação das falas e sotaques, dos gostos musicais, e na evocação de paisagens do passado, o que reforça valores existentes em cada indivíduo, que pode contribuir para sua fixação em lugares distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem. (TORRES; KOZEL, 2010, p. 3)

A audição acaba por caracterizar um lugar, levando características únicas a ele. Quando a música "Hino do Elefante" toca em um determinado lugar e um pernambucano, ou mais especificamente, um morador de Recife ou Olinda escuta essa canção, torna-se inevitável não lembrar das ladeiras históricas de Olinda e do seu carnaval. Segundo Torres e Kozel (2010) a paisagem sonora está diretamente ligada a cultura de um local, refletindo a identidade deste lugar e de seus habitantes.

A paisagem sonora também é histórica e pode retratar as transformações sofridas em algum lugar com o passar do tempo. Como exemplo trazemos o processo de urbanização das grandes cidades que acabaram por trazer um enorme ruído de buzinas, anúncios e falas. Quando, em tempos de outrora, pouco se havia de desenvolvimento dos grandes centros urbanos, andar sobre uma grande cidade e escutar os passos apressados dos trabalhadores e o barulho dos ventos ao bater nas árvores era algo comum e rotineiro a todos. A partir do momento que a dinâmica territorial e a identidade de um local muda, seus sons também mudam.

### **3 MOVIMENTO MANGUEBEAT: UMA ANTENA PARABÓLICA ENFIADA NA LAMA**

O Mangubeat, ritmo do mangue ou batida do mangue, é um misto de *rock*, *hip hop*, música eletrônica e aspectos musicais da cultura pernambucana como coco, ciranda e o maracatu. Essa definição foi inspirada por um dos líderes do movimento, Chico Science, que o caracterizou como uma nova cultura musical que une aspectos musicais antigos e novos, surgindo assim, o que Chico Science definiu como a *World Music Pernambucana*.

O Mangubeat é algo ligado ao pós-modernismo, que utiliza a cultura pop preocupada em apresentar o cotidiano, dilemas e diferenças do mundo contemporâneo.

Da fusão de ritmos regionais (maracatu, samba, coco, ciranda) com o *pop* (*funk*, *rock*, *soul*, *black*, *hip hop*, *punk*), desenvolve-se essa síntese musical que expõem um tipo de sincretismo de ritmos e a interação deles com as diversas culturas do globo. O tambor tribal se junta à guitarra e aos amplificadores norte-americanos. A releitura de ritmos regionais, conceitos e ideias pop não se manifesta de forma passiva. A tentativa de universalizar esses elementos nacionais, com o intuito de mostrar e criar uma nova cena para o mundo, conectando o Brasil com o

cenário pop mundial, estabelece um diálogo com as manifestações artísticas que trouxeram à tona um Brasil cosmopolita como o Movimento Antropofágico e a Tropicália. (LEÃO, 2002 apud PICHI, 2008, p. 4)

A manifestação dos diferentes estilos musicais no movimento Manguebeat é visto em diversas músicas, como por exemplo em “*Cidadão do Mundo*”, do álbum *Afrociberdelia*, segundo CD do grupo Chico Science & Nação Zumbi, quando na introdução da terceira estrofe começa a se ouvir nitidamente o batuque do maracatu, evidenciando a mistura de ritmos que se faz presente no Manguebeat. Na canção “*A Cidade*”, do álbum *Da Lama Ao Caos* da mesma banda, quando observamos o clipe da canção, contamos com uma introdução feita por Mateus e Catirina, personagens da cena cultural pernambucana, que contam como inspiração o Bumba-Meu-Boi.

O “Manifesto Caranguejos com Cérebro” idealizado por Fred Zero Quatro foi o marco para o começo da disseminação do movimento Manguebeat e o pontapé inicial para a dimensão que o mesmo iria se tornar para o mundo. Dividido em três partes: **mangue**: conceito; **manguetown**: cidade; e **mangue**: a cena, retratando a Recife que existia na década de 1990, trazendo o mangue como bioma presente em grande parte da cidade e os problemas presentes nesta.

Na primeira parte do Manifesto é trabalhado a biodiversidade presente no mangue e a vida que dele se sustenta, desde os insetos até o ser humano, que retira os caranguejos de sua lama para se sustentar. Na segunda parte ele traz os problemas da cidade do Recife, como a pobreza e o esquecimento da cidade por parte do governo, evidenciando esse fato com a informação que a capital pernambucana era na época a cidade com o maior índice de desemprego do Brasil. Na última e terceira parte Fred Zero Quatro mostra como modificar os problemas da cidade:

O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco da energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. (Manifesto Caranguejos com Cérebro, 1992.)

Fazendo uma comparação entre as veias do corpo humano que levam sangue para todo o corpo e os rios do Recife que fazem a cidade bater em um ritmo frenético, o autor do manifesto nos mostra que é preciso um “‘circuito energético’, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop” o que ele traz como uma antena parabólica enfiada na lama dos manguezais. A antena simbolizando a dinâmica mundial dos conceitos pop e localizada na lama dos manguezais.

O Manguebeat surgiu como um movimento de contestação e de pedido por mudanças da realidade social do Recife nos anos 1990, com a presença de favelas e palafitas esquecidas pelo poder público e que sofriam com os descasos por parte do governo. A capital pernambucana ainda era considerada a quarta pior cidade do Brasil, evidenciada nos versos da música “*Antene-se*” de Chico Science:

*Entulhados à beira do capibaribe  
na quarta pior cidade do mundo  
Recife cidade do mangue*

*Incrustada na lama dos manguezais  
Onde estão os homens caranguejos*  
(SCIENCE, 1994b – trecho da música Antene-se)

O Mangubeat não criava apenas um novo estilo musical, criava uma nova cultura pernambucana, como as gírias que surgiram por conta do movimento como “arati” e “guajá” e que acabaram por serem disseminadas entre os jovens apreciadores do movimento. Mais do que cultura, o Mangubeat acabou por criar uma inquietação e um pedido de mudança das condições sociais urbanas da cidade do Recife.

Projetos de cunho parecidos com os do Mangubeat existem desde a década de 1970, como os discos do Robertinho de Recife, entretanto, somente com as músicas de Chico Science e o grupo Nação Zumbi (CSNZ), e os músicos Renato L e Helder Aragão e o manifesto elaborado por Fred Zero Quatro da banda Mundo Livre S/A que o Mangubeat ganhou dimensão nacional e mundial dando voz a uma das populações mais carente do estado.

O movimento surgiu com a necessidade de mudança, a necessidade de trazer de volta a cultura pernambucana para o mundo. Na década de 1990, a cultura pernambucana se concentrava no movimento armorial, que tem suas raízes presentes no que era considerado "a arte do povo" como as esculturas de barro e a literatura de cordel. O Mangubeat surgiu para quebrar esse paradigma e acabar com essa questão de que cultura é somente aquilo que tem uma longa história presente na região, cultura também é o novo.

A década de 1990 ainda trouxe outras dicotomias que podemos até dizer que deram um gás a mais para o movimento, a exemplo da globalização, onde as fronteiras começaram a se tornar praticamente invisíveis e os fluxos informacionais foram trocados numa velocidade maior.

A globalização foi responsável pelo misto cultural encontrado no Mangubeat, como a presença do *hip hop* americano presente nas letras de algumas canções. Ademais, a globalização ainda impulsionou o desenvolvimento do Mangubeat levando suas músicas para outras regiões do Brasil e do mundo, com inquietantes pedidos de mudança da atual configuração socioespacial da capital pernambucana, levando essa inquietação para outros lugares, tendo a necessidade de trazer de volta à cena cultural recifense para outras localidades.

*Rios e pontes no coração  
Pernambuco embaixo dos meus pés  
A minha mente na imensidão.*  
(SCIENCE, 1996c)

A citação acima foi retirada da música *Mateus Enter* do álbum *Afrociberdelia* do grupo Chico Science e Nação Zumbi. Tal música retrata bem a intenção do movimento, levar a música para outros lugares sem esquecer das raízes da mesma. Os rios e as pontes no coração, caracterizando-os como as veias do Recife, já que levam vida para a cidade e a conecta com outros lugares. Pernambuco nos pés para não esquecer de sua origem e acabar se perdendo em meio a globalização e as culturas que estão circulando constantemente por meio da tecnologia.

Como cita Oliveira (2014) foi no Jornal do Commercio (JC) com a coluna Recbeat lançada em 1993 sob o comando do jornalista Marcelo Pereira que o Mangubeat ganhou uma maior dimensão. Nesse mesmo caderno, em 12 de abril de 1993, surgia a matéria sobre o I Abril pro Rock que mostrou as dificuldades para conseguir apoio para o festival, já que este iria contra a “cultura raiz” pernambucana.

A Music Television (MTV) foi o principal meio televisivo para a divulgação do movimento em todo o Brasil, sendo este o primeiro cenário musical divulgado pela rede de televisão, onde muitas programações eram direcionadas a esse fim e até após a morte de Chico Science a emissora passou a rodar especiais sobre o líder da Nação Zumbi, com a finalidade de manter viva a memória do grande *mangueboy*. O Mangubeat foi um marco na MTV tanto é que o primeiro clipe exibido no programa foi banda CSNZ e com a finalização da emissora em 2014 o último clipe a ser mostrado também foi o da banda em questão.

### 3.1 A MANGUETOWN

O movimento do *Mangubeat* ganhou uma maior dimensão a partir da utilização de espaços públicos pelos chamados *mangueboys* e *manguegirls* onde se reuniam com o intuito de escutar as músicas do movimento e debater sobre os problemas encontrados na cidade, trazendo uma reflexão e fazendo surgir um sentimento de mudança sobre o caos urbano da capital pernambucana.

Foi no velho bairro portuário, com sua má fama de local abandonado, perigoso, boêmio e marginal que se iniciou uma das ricas inovações musicais, culturais e comportamentais do Pernambuco. (LEITE, 2002 apud PICCHI, 2008)

Os *mangueboys* e *mangueirls* tinham como ponto de encontro para a socialização de ideias e para escutar as músicas do movimento, a Rua da Moeda no bairro do Recife Antigo. O papel do Mangubeat nesse local foi tão expressivo que na rua atualmente existe uma estátua do compositor e cantor Chico Science, se fazendo presente desta forma o movimento na paisagem do Recife.

O frequentador do carnaval do Recife pode visitar o polo do *Recbeat* que fica instalado no Cais da Alfândega, onde tem como intuito trazer uma sonoridade diferente ao cenário carnavalesco pernambucano. Essa nova sonoridade não está aliada a um esquecimento da cultura carnavalesca de raiz, tanto é que se encontra presente nas ruas entorno do Cais da Alfandega, o maracatu, o coco, a ciranda, evidenciando assim, a falsa ilusão que o “velho” sairia para dar lugar ao “novo”.

Não é somente no carnaval que podemos observar o movimento Mangubeat presente na cidade, a representação do Mangubeat está vivo no Recife seja qual for a época do ano, visto as apropriações dos espaços públicos pela representação cultural, como a imagem de Chico Science presente na badalada Rua da Moeda e o grande caranguejo de aço localizado nas margens do rio Capibaribe na Rua da Aurora. Ademais pode-se trazer a grande visitação que ocorre no jazigo onde se encontram os restos mortais do líder do Nação Zumbi, no cemitério de Santo Amaro. O cantor morreu no ano de 1997 decorrente um acidente de carro. Após a sua morte este acabou por ganhar o



seu nome em uma avenida do bairro de Bultrins, na cidade de Olinda. A mais recente manifestação em memória de Chico Science foi a criação do troféu de mesmo nome do seu time de coração, o Santa Cruz Futebol Clube.

Os *mangueboys* trouxeram para a cidade uma nova representação cultural e de apropriação do espaço público a partir das manifestações culturais. Percebe-se que esses não somente modificaram a cena musical pernambucana mas também modificaram o espaço, eternizando o movimento surgido na década de 1990 na periferia do Recife, a exemplo das marcas visíveis da paisagem demonstradas no parágrafo acima, que quando são questionadas aos fãs do movimento acabam por citar a importância delas para a consolidação do mesmo e para que este não seja esquecido em meio a dinâmica global atual.

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DO RECIFE A PARTIR DO MOVIMENTO MANGUEBEAT

Como as letras do movimento acabavam por discutir os problemas presentes na cidade do Recife na década de 1990, tinha como consequência sua caracterização a partir das canções. As letras das bandas do Manguebeat não só levavam o seu batuque para todos os lados, mas também os problemas presentes da capital pernambucana, utilizando a música como reivindicação social.

*Posso sair daqui para me organizar  
Posso sair daqui para desorganizar.  
(SCIENCE, 1994d)*

Os versos acima são da música do Caos a Lama do CD de mesmo nome, primeiro CD de Chico Science & Nação Zumbi de 1994. Podemos evidenciar nesse trecho a intenção de modificar o sistema atual. No trecho os compositores da canção citam a necessidade de se organizar para que seja possível a desorganização do sistema atual. Essa inquietação surgiu há tempos, como podemos evidenciar no livro *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro, e no qual já trazia a necessidade da população residente no mangue em se organizar para que as mudanças e a revolução pudessem acontecer. Tal afirmação é evocada por diversos fãs do movimento quando entrevistados que citam a importância do mesmo para que fosse possível mostrar os problemas presentes na cidade do Recife.

A cidade acabava sendo o pano de fundo de tantas reivindicações e acabavam por retratar a dinâmica existente nela, com suas ambições, dicotomias e vivências.

*E a cidade se apresenta  
Centro das ambições  
Para mendigos ou ricos  
E outras armações  
Coletivos, automóveis,  
Motos e metrô  
Trabalhadores, patrões,  
Policiais, camelôs.*

(SCIENCE, 1994e – Trecho da música A cidade.)

Na canção *A Cidade*, acima mencionada, também do grupo Chico Science & Nação Zumbi, traz as contradições da cidade do Recife em meio as diferenças sociais. A cidade é

o centro de todas as relações, onde cada um consegue viver do jeito que é possível, seja ganhando mais ainda, ou ganhando muito pouco para sobreviver.

Os compositores dessa canção trazem nitidamente a dicotomia que existe e persiste em existir na cidade do Recife, como a relação entre o rico e o pobre, evidenciado nos trechos “coletivos e automóveis, motos e metrô, trabalhadores e patrões.”

*A cidade não para  
A cidade só cresce  
O de cima sobe  
E o de baixo desce.*

(SCIENCE, 1994e – Trecho da música A cidade.)

Mais uma vez se traz um trecho da música *A Cidade*, para que seja possível compreender as diferenças existentes no Recife, a cidade não para de crescer, entretanto, para quem ela cresce? Quem vê esse crescimento e quem apenas sofre mais ainda com esse crescimento? E a cada crescimento do Recife o que Chico chama de “baixo” acaba por descer mais ainda e de se tornar mais um estorvo para que a cidade não cresça mais ainda, sendo assim, considerado culpado pelo menor crescimento da cidade do Recife.

As expressões artísticas e culturais, como a música por exemplo, têm dimensões espaciais e influenciam a construção/afirmação de uma identidade territorial coletiva, pois essas expressões, muitas vezes, traduzem o universo simbólico de determinados grupos sociais que compartilham referências espaciais e realidades socioculturais que os representam e os fortalecem enquanto grupo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O movimento Manguebeat teve uma grande importância para Recife, pois, além de retratar os problemas presentes na cidade, deu ouvidos e voz aos recifenses que sofriam constantemente com os diversos problemas presentes na cidade e com o descaso do governo para a resolução de seus problemas, questões que, inclusive, ainda são atuais. Buscando refletir essa situação os compositores do movimento traziam em suas letras aspectos presentes do Recife com a finalidade de mostra-los para o resto do país.

Outro ponto importante a se destacar é que o Manguebeat conseguiu unir diversos jovens da periferia da capital pernambucana para o debate e a construção de ideias com a finalidade de refletir sobre as possibilidades de construção de uma nova cidade, onde as desigualdades sociais sejam diminuídas e que aqueles que vivem na lama dos manguezais possam ascender social e economicamente.

Neste trabalho, foi possível constatar que o Manguebeat, ao ressaltar em suas canções a realidade de diversos sujeitos e paisagens do Recife, contribuiu/contribui para construção/afirmação de uma identidade territorial que se estende, não apenas a quem participa diretamente desse movimento, mas também, a diversos outras pessoas que se sentem representados nas letras, ritmos e danças desse movimento musical.

## 5 REFERÊNCIAS

- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L., ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BORGES, Gagliel. **Manifestações culturais e identidade territorial em Recife: identificação e caracterização**. Relatório de Pesquisa. Recife: IFPE/PROPESQ, 2013.
- BOSSÉ, Mathias Le. As Questões de Identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. IN: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade: A Era da Informação: **Economia, Sociedade e Cultura**, v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, Daniel de. Geografia e música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 26, p. 7 -18, jul./dez. de 2009.
- CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações culturais no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná E; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Explorações geográficas: percurso do fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CLAVAL, Paul. **Campo e perspectivas da geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2002.
- Diário de Pernambuco. O que foi o movimento Manguebeat? Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/diarinho/2014/02/21/interna\\_diarinho,490736/o-que-foi-o-movimento-manguebeat.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/diarinho/2014/02/21/interna_diarinho,490736/o-que-foi-o-movimento-manguebeat.shtml)>. Acesso em 02 jan. de 2016
- HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. (Org.). **Território, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações culturais no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: Do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**: Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KOZEL T. S.; TORRES, M. A. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Ra'e ga**, Paraná, v. 20, p. 123-132, 2010.
- LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LARANJEIRA, J.; FERRÉ, J. **Paisagens sonoras e territórios intangíveis: o resguardo da cultura imaterial.** In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas "Entre Territórios" 19., 2010, Cachoeira. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/jose\\_dos\\_santos\\_laranjeira.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/jose_dos_santos_laranjeira.pdf)>. Acesso em 03 mar.2016.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. *Chico Science*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 17 jan. de 2016.

OLIVEIRA, E. C. L. **A ideia de cultura da cena Manguebeat e a criação de uma nova representação para a cidade do Recife.** In: Congresso Internacional de História - "Cultura, sociedade e poder", 4., 2014, Jataí. Anais eletrônicos... Jataí: UFG, 2014. Disponível em <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(73\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(73).pdf)>. Acesso em 20 nov. 2015.

OLIVEIRA, S.; SILVA, C.: **A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação.** In: Encontro de Geografia: A geografia e suas vertentes reflexões, 3., 2010, Campos dos Goytacazes. Anais eletrônicos... Campos dos Goytacazes:IFF,2010. Disponível em: <<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/ENGEO/article/view/1663>>. Acesso em 20 out. 2015.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Biblio 3W**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 12, no. 978, mayo de 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-978.htm> Acesso em: 10 jun. 2015.

PEREIRA, Fabiano E. **Dimensão espacial da cultura: manifestações populares e identidade territorial no Centro Histórico de Olinda.** Relatório parcial de pesquisa. Recife: IFPE/PROPESQ, 2015.

PICCHI, B. **Uma geografia do mangue: movimento Manguebit, Josué de Castro e regionalismo nordestino contemporâneo.** In: Colóquio Nacional do NEER: Espaços Culturais: Vivências, Imaginações e Representações, 2., 2007, Salvador. Anais eletrônicos...Salvador: NEER, 2007. Disponível em:<[http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20BrunoPicchi.ED1VI.pdf](http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20BrunoPicchi.ED1VI.pdf)>. Acesso em 20 out. 2015.

PRYSTHON, Â. F. Diferença, pop e transformações cosmopolitas no Recife a partir do Movimento Mangue. **Fronteiras**, Porto Alegre, v. VI, n.1, p. 33-46, 2004.

PRYSTHON, A. F.. **A cidade e o mangue: a constituição da cultura pop recifense nos anos 90.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2005, Rio de Janeiro. Resumo eletrônico...Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1476-2.pdf>> .Acesso em 20 nov. 2015.

PRYSTHON, A.. "Manguetown: música pop e transformações urbanas no Recife dos anos 90. In: Alexandre Barbalho (Org.). **Brasil, Brasis**. Identidades, cultura e mídia. Fortaleza: Demócrito Rocha, p. 97-114, 2008.

PRYSTHON, Ângela. Manguetown: identidade, cultura e geografia no jornalismo impresso. **Comunicação e Informação**, Recife, v. 8, nº 1: pág 47 – 52, 2005.

QUATRO, Fred. Cidade Estuário. Mundo Livre S/A. Samba Esquema Noise. São Paulo: Banguela Records, 1994. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mundo-livre/567023/>. Acesso em: Acesso em: 02 jan. 2016.

QUATRO, Fred. Manifesto Caranguejos com Cérebro. 1992. Disponível em: <<http://manguebeat.forumeiros.com/t2-manifesto-mangue-1-caranguejos-com-cerebro>> Acesso em 02 nov. 2015.

REGALIA, Tony. Destruindo a camada de ozônio. Mundo Livre S/A. Guentando a Ôia. São Paulo: Excelente Discos, 1996. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mundo-livre/163304/>. Acesso em: 02 jan. 2016.

REIS, Enio M. Pereira. **Manifestações culturais e identidade territorial em Olinda:** identificação e caracterização. Relatório de Pesquisa. Recife: IFPE/PROPESQ, 2013.

SANTOS, José Luis. **O que é cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SCIENCE, Chico. A cidade. Chico Science e Nação Zumbi. Da Lama Ao Caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994. Disponível em: &lt;<https://www.letras.mus.br/chico-science/45205/>&gt; Acesso em 10 dez. 2015.

SCIENCE, Chico. Antene-se. In: Chico Science e Nação Zumbi. Da Lama Ao Caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994a. Disponível em: &lt;<https://www.letras.mus.br/chico-science/304728/>&gt; Acesso em 10 dez. 2015.

SCIENCE, Chico. Banditismo Por Uma Questão De Classe. Da Lama Ao Caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994b. Disponível em <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77650/>. Acesso em 20 jun. 2016

SCIENCE, Chico. Da Lama ao Caos. Chico Science e Nação Zumbi. Da Lama Ao Caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994c. Disponível em: &lt;<https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77655/>&gt; Acesso em 10 dez. 2015.

SCIENCE, Chico. Mateus Enter. Chico Science e Nação Zumbi. Afrociberdelia. Rio de Janeiro: Columbia Records, 1996. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77660/>. Acesso em 10 dez. 2015.

SILVA, Cláudia V. R. da. **Manifestações culturais e identidade territorial no Recife Antigo**. Relatório parcial de pesquisa. Recife: IFPE/PROPESQ, 2015.

TELES, José. **Do Frevo ao Manguebeat**. São Paulo: Editora 34, 2000.

TESSER, Paula. Mangue Beat: húmus cultural e social. **Logos**, UERJ, Ano 14, n. 26, 2007. Disponível em: [http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/05\\_PAULA\\_TESSER.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/05_PAULA_TESSER.pdf) Acesso em: 15 set. 2015.

VALLE, Renata L. **Contribuições dos Maracatus de Olinda para o fortalecimento da identidade territorial local/regional**. Relatório parcial de pesquisa. Recife: IFPE/PROPESQ, 2015.